

APDSI

ASSOCIAÇÃO
PARA A PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO
DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO



MeetOn “Transição Digital @ Economia Circular”

CONCLUSÕES

12 de abril de 2021

APDSI organizou mais um MeetOn, desta vez sobre “Transição Digital na Economia Circular” e com moderação de Miguel Brito Campos, Vogal da Direção da APDSI.

A Economia Circular tem sido referida como um dos pilares para o combate às alterações climáticas e na luta por um desenvolvimento mais sustentável do planeta, na senda dos objetivos definidos pela ONU. Na Europa foram aprovados o Pacto Ecológico Europeu (European Green Deal) e o Plano de Ação para a Economia Circular que têm sido apoiados pelo Governo português, mas também por empresas e autarquias.

A Economia Circular, sendo uma área nova, tem aplicabilidade urgente, sendo, também por isso, fortemente apoiada pelas tecnologias digitais – de grande auxílio na gestão dos recursos e na articulação das cadeias de valor.

Sabendo que, apesar de a União Europeia ser responsável apenas por 10% da emissão dos gases com efeito de estufa, **Ana Sofia Vaz, do Gabinete da Secretária de Estado do Ambiente**, sublinhou que a União Europeia (EU) tem estado na linha da frente no que toca a responder aos desafios causados pelas alterações climáticas, a degradação ambiental e a perda de biodiversidade causada pela atividade humana. A prová-lo está o Pacto Ecológico que pretende impulsionar a meta de zero emissões líquidas de GEE até 2050. Este pacto assenta num plano de ação com vista a fomentar a utilização eficiente dos recursos através da transição para uma economia limpa e circular, restaurar a biodiversidade e reduzir a poluição.

Entre 2012 e 2018, o número de postos de trabalho na UE associados à economia circular cresceu 5%, atingindo cerca de 4 milhões. De acordo com o Eurostat em 2017, 1,8% das pessoas empregadas em Portugal estavam afetas a setores ou áreas centrais para a economia circular, ligeiramente acima da média europeia de 1,7%, o que significa que Portugal está, efetivamente, empenhado em trabalhar a área do emprego por forma a postar na economia circular.

Na UE, prevê-se que a adoção das propostas legislativas contidas no pacote de economia circular criaria mais de 170 000 empregos diretos até 2035. Todavia, para que tal aconteça, Ana Sofia Vaz dizer ser necessário que “os trabalhadores adquiram as competências requeridas pela transição ecológica – razão pela para o qual a Comissão Europeia atualizou a Agenda de Competências e lançou um Pacto para as Competências em 2020, incidindo também na dupla transição digital e ecológica”.

A digitalização possibilita também processos mais eficientes nas empresas, tendo um papel relevante na conceção de produtos modulares e reparáveis que podem ser atualizados, por oposição ao modelo de economia que vínhamos a seguir mundialmente, ajudando a minimizar desperdícios e prolongando a vida útil dos produtos com menos custos de transação e parceiros inovadores. Portugal foi o primeiro país a assumir o compromisso da descarbonização em 2050.

Paula Freixial, também especialista em economia circular do Gabinete da Secretária de Estado do Ambiente, focou a sua intervenção na área das águas, reiterando que, também aqui, o modelo tradicional de gestão tem que ser contrariado, por forma a inculcar um maior valor ao recurso sem lhe aumentar os custos finais.

Reutilizar e regenerar a água é fundamental, através de um recurso mais moderado, recorrendo a sistemas naturais de tratamento para seja devolvida e reintegrada no seu ciclo natural com custos reduzidos. “Para o ciclo urbano da água, a preservação dos recursos dentro do sistema natural deve ser prioritária para todos os intervenientes; temos de olhar para a água de modo sistémico e aplicar os mesmos princípios da economia circular”, sublinha Paula Freixial, também favorável à digitalização do setor.

As perdas de água em Portugal correspondem a 30% do total disponível. A ligação entre a água e a estrutura que “alimenta” tem de ser, francamente, melhorada, a par de uma partilha do recurso entre as mais diversificadas infraestruturas.

O desafio que se coloca a Portugal é, para Paula Freixial, como podemos ser mais eficientes com a utilização de água, reduzindo o consumo de energia, à base de carbono, fornecendo materiais com interesse económico e ambientalmente sustentáveis.

O tema da economia circular aliado à tecnologia está a ser bem compreendido pelas empresas, defende **Sofia Santos, Sustainable & Climate Finance Specialist**, porque promove uma melhoria no uso de recursos e acelera o processo de descarbonização.

A professora defende que a eficiência energética dos aparelhos que utilizamos está a ser muito bem aceite pelo consumidor que também associa essa melhoria à ajuda que a tecnologia veio proporcionar. Por outro lado, “o equipamento digital precisa de um conjunto de materiais que já se conseguem identificar que têm um fim de vida reduzido, mas o setor percebe a urgência da adaptação dos equipamentos em uso final de vida; isto é muito importante para o setor”.

Os minerais também usados nas tecnologias podem estar em zonas de conflito, por isso, há que garantir que as empresas têm respeito pelos direitos humanos dos países

onde são extraídos. “É preciso perceber no final de vida dos telemóveis o que acontece ao material usado no seu fabrico que já escasseia em termos mundiais”, alerta. A tecnologia é fundamental para se reduzir o impacto ambiental, é uma alavanca, mas também tem de aumentar o tempo de vida dos cada vez mais aparelhos eletrónicos existentes no Planeta.

Gonçalo Amorim, CEO da BGI – Building Global Innovators, uma empresa incubadora de startups com grande foco na área da Economia Circular, tem uma perspetiva de base tecnológica para *startups* e, igualmente, no setor agrícola, apesar de algumas indústrias mais tradicionais terem tendência a manter-se num modelo de economia linear; algo que será, inevitavelmente, mudado.

A BGI tem mais de 50 programas em curso voltados para os paradigmas e transições que ocorrem nos mais diversos mercados.

Em 2019, em parceria com o Ministério do Ambiente, a empresa criou um programa que pretendia contagiar as PME's a olharem para as oportunidades económicas que advêm da adoção de um modelo de economia circular. “No ambiente rural há oportunidade de mudar o setor agroflorestal; é um setor de que se fala nas questões energéticas e de transportes, não ignorando que há muitos “dados adquiridos” que podem ser repensados e reintegrados num modelo assente em economias sociais viáveis, cadeias produtivas mais curtas e demonstrar, com dados, que é possível criar uma cadeia alimentar mais sustentável.

Na agricultura tem de ser feita uma reforma que faça sentido para os próprios agricultores, seguindo protocolos mais amigos do ambiente e com certificados energéticos mais verdes. Esta é uma oportunidade para Portugal se destacar em matéria de inovação.

João Meneses, Secretário Geral do BCSD Portugal - Business Council for Sustainable Development – define economia circular como a diminuição do consumo de recursos

naturais, tornando as cadeias de valor nas empresas mais otimizadas e diminuindo a poluição global.

A tecnologia, nomeadamente a Indústria 4.0, será o grande contributo para a economia circular, sendo exemplo disso a economia de partilha, muito presente nas mais variadas apps de partilha de roupa (muito popular na China) ou carros, que representam uma tendência em que o consumidor não detém, mas tira partido do ativo.

As impressões 3D também trazem grandes benefícios, ao mesmo tempo que permitem uma redução de desperdício de matérias-primas, que também são reduzidas nas encomendas feitas à medida e nos materiais entregues a granel em casa.

Outro exemplo que deu do contributo do digital para a economia circular foi, precisamente, a mobilidade elétrica e os drones. Dados de precisão e IoT serão decisivos para fazer esta mudança nas cadeias de valor e avaliar a pegada carbónica de cada objeto ou alimento.

As novas gerações de consumidores querem saber, não só, como é que determinada peça foi feita, mas também tudo o que envolveu e impactou para fazerem escolhas não só mais económicas, mas, também, mais sustentável.

Descarbonização total em 2050 será um objetivo real ou utopia?

João Meneses observa que reduzimos 5,6%, mas ano após ano temos vindo a conseguir essa redução em níveis recorde. Olhando para este ciclo, é possível, embora se trate de um desafio sistémico e que pouco resultado trará se continuar a ser apenas uma iniciativa muito individualizada de alguns cidadãos e empresas que estão na direção certa.

Sofia Santos quer que os seus filhos netos beneficiem dessa neutralidade carbónica e tudo tem de ser feito para alcançar esse cenário de urgência do Planeta Terra. Para tal, fica a certeza de que já estão a ser feitas mudanças significativas na economia que podem ajudar, de forma muito significativa, a alcançar essa meta. Em junho de 2022

vai entrar em vigor um regulamento no qual os requisitos de capital dos bancos vão estar ligados aos riscos ambientais associados aos seus empréstimos.

O Projeto Europeu de descarbonização pode precisar de mais liderança, alerta Gonçalo Amorim, dando as alterações que já ocorreram nos Estados Unidos face à recente mudança de presidência a que assistimos.

Sofia Santos e Paula Freixial concluem que a estratégia europeia para a economia circular está bem definida e vai levar-nos a conseguir alcançar esse objetivo.

O acesso a conhecimento fará, sempre, parte da solução.

SOBRE A APDSI

Criada em 2001, a Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação (APDSI) tem por objetivo a promoção e desenvolvimento da transformação e inclusão digital em Portugal, reunindo com este interesse comum profissionais, académicos, empresas, organismos públicos e cidadãos em geral.

Na linha destes propósitos a APDSI tem vindo a desenvolver diversas atividades em torno de causas tecnológicas e sociais, que se traduzem num conjunto de eventos, recomendações e estudos realizados por grupos de trabalho multidisciplinares em diversas áreas de intervenção, como a Segurança, os Serviços Públicos Digitais, a Saúde, a Cidadania e Inovação Social, o Território Inteligente, a Governação das TIC, a Inteligência Digital, a Política Digital e Governança, os Futuros da Sociedade da Informação e as Competências digitais.

Em todos estes trabalhos a APDSI procura identificar as tendências de evolução e também as interações entre as tecnologias e outras dimensões sociais e económicas, contribuindo com uma visão mais aberta para a discussão e tendo como meta a eficaz perceção e implementação destes conceitos na Sociedade Portuguesa. A APDSI tem o Estatuto de Utilidade Pública e foi em 2008 reconhecida como ONGD.

ASSOCIE-SE

URL | www.apdsi.pt

email | secretariado@apdsi.pt

APDSI

ASSOCIAÇÃO
PARA A PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO
DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO



Associação de Utilidade Pública
ONG – Organização Não Governamental

Rua Alexandre Cabral, 2C – Loja A
1600-803 Lisboa – Portugal
URL: www.apdsi.pt

Tel.: (+351) 217 510 762
Fax: (+351) 217 570 516
E-mail: secretariado@apdsi.pt

Patrocinadores Globais da APDSI

